

## LIBRAS E PORTUGUÊS ATUANDO PARA A EXCELÊNCIA DA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA SURDA

Williane Virgínia Holanda de Souza<sup>1</sup>

Professora de Libras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

E-mail: [willuaesol@gmail.com](mailto:willuaesol@gmail.com)

Betiza Pinto Botelho<sup>2</sup>

Professora de Libras da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

E-mail: [botelhobetiza@gmail.com](mailto:botelhobetiza@gmail.com)

Thiago Ramos de Albuquerque<sup>3</sup>

Professor de Libras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

E-mail: [thiago.albuquerque1@gmail.com](mailto:thiago.albuquerque1@gmail.com)

### RESUMO

Falar de língua é algo que envolve um mundo de perspectiva, e com a Libras não é diferente. Abordaremos problemáticas atuais a cerca do ensino de Surdos nas escolas, enfatizando a pedagogia bilíngue para Surdos. No decorrer deste artigo, trataremos dos aspectos que envolvem a escola bilíngue: o letramento, a Libras, a formação docente e principalmente o desenvolvimento da criança surda nessa modalidade de ensino. Os estudos pedagógicos inclusivos trazem uma boa idéia de ensino na teoria, todavia a realidade dessas crianças é bem distinta, não há efetivação da educação. As escolas inclusivas não têm estrutura humana, pedagógica, didática e metodológica para reunir inúmeras especificidades das crianças com deficiência. O Surdo é um ser capaz como qualquer outro, porém precisa de recursos adequados para a aprendizagem. cremos na pertinência da escola bilíngue como método fundamental no ensino-aprendizagem, não só na sua língua (L1), que é a Libras, mas também para um melhor desempenho na aprendizagem da segunda língua (L2), nesse caso a língua portuguesa, na modalidade escrita. A proposta desse tipo de escola não é só na ênfase da língua materna, entretanto ensinar a cultura, literatura, filosofia, arte e outras peculiaridades referentes a uma língua, que não é visada na escola regular/inclusiva.

**Palavras-chave:** Libras. Bilinguismo. Surdo. Língua. Educação.

## 1 INTRODUÇÃO

Tendo como análise as dificuldades do ensino infantil dos Surdos, as nossas experiências pessoais, a falta de informação e de recursos pedagógicos; idealizamos este objeto de estudo a fim de trazer à tona, alguns fatos e métodos que despertem interesse de atuais e futuros professores que poderão lidar com o ensino-aprendizagem bilíngue para Surdos. O que traremos não é uma exclusão do ensino de língua portuguesa (que será vista como segunda língua ou L2), porém iremos enfatizar o ensino da Língua de Sinais que é a primeira língua (L1) da pessoa com surdez, no caso do Brasil, a Libras.

A ideia de trabalhar numa escola bilíngue acaba deixando de lado a ideia da escola inclusiva que, por falta de práticas pedagógicas, recursos metodológicos, de profissionais multifuncionais e auxílios governamentais não têm funcionado no Brasil. A escola inclusiva realmente não inclui a criança surda com a sua língua, sua cultura e seus aspectos peculiares, ela apenas coloca o Surdo dentro de uma sala comum de ensino para ouvintes e dispõe de práticas voltadas para os mesmos.

Outro fator que levamos em consideração e que será bastante enfatizado é o Letramento da criança Surda. Sabendo que Letramento e Alfabetização são conceitos visivelmente distintos. Letramento é o ato de ler e escrever contextualizado às práticas sociais inseridas dentro de uma cultura, diferentemente da decodificação dos códigos linguísticos como propõe a alfabetização. Então, ao falarmos do ensino bilíngue, vamos contextualizar as situações cotidianas vividas pela criança surda para a efetivação do letramento bilíngue. Isso significa dizer que usaremos a princípio recursos visuais e a Libras nessa primeira instância. Depois, adicionando os elementos da segunda língua, assim como sucede no aprendizado de qualquer outra língua como L2.

De tal forma, traremos a proposta da pedagogia bilíngue, com o propósito principalmente de informar. Não traçaremos objetivos pouco viáveis e/ou revolucionários, tão somente pelo fator dos estudos serem recentes e, por ansiar pela

mudança das salas de aulas. A princípio, seria o método que resolveria o problema (e não foi). Então, vamos começar com este objetivo e gradativamente evoluindo para os demais.

O que vale ressaltar também é o fato de que a comunidade familiar deve estar presente e atuante nessa educação. Pois, crescer aprendendo duas línguas simultaneamente é uma tarefa árdua. A família deve acompanhar e aprender a cultura Surda junto com os filhos e/ou parentes Surdos. O progresso depende em grande parte do desenvolvimento cognitivo e social que a criança tem junto à família. A falta de profissionais que tenham conhecimentos e práticas inclusivas faz com que mostremos as vantagens de se dar continuidade e foco à Escola Bilíngue para Surdos. Apresentar aspectos que mostram que a língua de sinais, no caso falando da Libras (Língua Brasileira de Sinais) possui estruturas e especificidades que merecem ser estudadas pelo indivíduo da comunidade surda.

## **2 LIBRAS COMO LÍNGUA EM DIVERSAS TEORIAS DE SIGNIFICAÇÃO DO ENSINO BILATERAL: LIBRAS-PORTUGUÊS**

### **2.1 PERSPECTIVA LINGUÍSTICA**

A Libras é a Língua Brasileira de Sinais (e não linguagem<sup>1</sup>) é própria da comunidade surda do Brasil, sendo regulamentada desde abril de 2002 com a lei nº 10.436. É considerada oficialmente como a segunda língua do Brasil tornando-o um país legitimamente bilíngue. Sendo língua, ela é composta de vários elementos/características das línguas naturais (BATISTA, 1974, p. 21) como: a arbitrariedade, a independência em relação ao espaço e tempo, a produtividade e abertura (ideia de expansão das formas e expressões), a gramaticalidade (que entram as estruturas sintáticas, semânticas, morfológicas, etc.) e a divisão analítica em



componentes (ou níveis de análise). Além desses aspectos, possui cultura, subjetividades, identidade e discurso.

No caso da nossa análise em relação à língua, referimo-nos ao termo criado por Diebold (1964, apud Romaine, op. cit., p.11, apud Coracini, 2003, p. 39) “bilinguismo incipiente”, que caracteriza as etapas iniciais do indivíduo que tem contato com duas línguas, que é o caso da criança Surda dentro da Escola Bilíngue. O termo “incipiente” refere-se justamente a novidade do contato com a língua, que é imprescindível dentro da escola. Como colocar uma criança dentro da escola tendo sua própria língua/cultura e viver a mercê de uma língua que tem a função de extinguir o alicerce nato. A escola inclusiva ao invés de propor a união e difusão das duas culturas, sobrepõe à língua portuguesa tornando-a hierárquica em todos os aspectos.

Outro divisor de águas em relação à língua são os conceitos de L1 e L2. Na escola inclusiva, a L1 é a língua portuguesa e a L2 a Libras, já na escola bilíngue para Surdos propõe a língua-mãe como a Libras e a segunda o português. Esses conceitos de línguas são linguisticamente relativos que, segundo (Liebson, 1969, p. 291, apud Romaine, 1995, p. 19, APUD Coracini, 2003, p. 40) diz que língua materna pode se dar de várias formas: o idioma do seu país de origem, dos seus pais, do país que nasceu, da língua que há dentro de casa que são reflexo da identidade como afirma (Maher 1998, p. 21).

## 2.2 PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL

Há dúvidas de que o Surdo realmente aprenda a sua língua e que dominando-a consiga eficaz e eficientemente adquirir uma outra língua, em questão a língua portuguesa. Aqui no Brasil, (BRITO, 1995 e QUADRO, 1997) os resultados sobre a naturalidade e rapidez com que os surdos aprendem a LS, mostra-nos que esse acesso a 1ª língua faz surgir uma comunicação eficiente e completa, da mesma forma que os

ouvintes tem com o português, levando-os também a um desenvolvimento de sua cognição e sua vida social.

Envolver o sujeito surdo no universo linguístico de sua língua materna é de suma importância, e introduzir seus parâmetros primários e secundários na escola é necessário para que haja uma completa e efetiva compreensão da forma como sua língua se estrutura. Quando uma criança surda tem acesso a sua língua natural, ou seja, a língua de sinais, ela se desenvolve integralmente, pois tem inteligência semelhante a dos ouvintes, diferindo apenas na forma como apreendem o mundo.

Para que essa LS seja apreendida de maneira adequada, deve-se ser ensinada por um surdo que tenha a fluência, para que possa ser uma referência positiva ao aluno (MOURA 1993). Segundo Quadros, o papel do surdo adulto é fundamental para o desenvolvimento da pessoa surda. É preciso que haja histórias utilizando-se configurações de mãos específicas, em primeira pessoa sobre pessoas surdas, sobre pessoas ouvintes, produzir vídeo com produções literárias de adultos surdos. Não se pode esquecer que:

[...] a maioria das crianças surdas vem de famílias ouvintes que não dominam a língua de sinais, e por isso, é essencial a imersão escolar na primeira língua das crianças surdas, permitindo assim, o desenvolvimento das suas funções cognitivas (BASSANI e SBARDELOTTO, 2010).

Utilizar-se da LS (Língua de Sinais) na educação de surdos trás uma mudança na forma de se ver o sujeito e a língua, fazendo com que ele tenha uma maior possibilidade de comunicação com a sua comunidade.

É um caminho necessário para que haja uma mudança no atendimento escolar desses alunos, pois a Libras é uma língua viva, vinda da interação desse sujeito surdo com os seus pares. Essa língua é de suma importância para a comunicação e



fortalecimento de uma Identidade Surda, por isso a escola não pode ignorar esse fator no processo de ensino aprendizagem, como diz BASSANI e SBARDELOTTO (2010).

A principal função da escola é possibilitar ao aluno adequar-se ao conhecimento ensinado pelo professor. Neste processo de ensino aprendizagem, os conceitos oferecidos pela escola interagem com os conceitos do senso comum aprendidos no cotidiano e, nessa interação é que a escola reorganiza os ensinamentos modificando-os, que se consolidam a partir do senso comum. Somente com uma língua, tendo noção do que lhe cerca, o surdo poderá fazer essa reorganização de ensinamentos que a escola oferece.

Diferente dos ouvintes, a maioria das crianças surdas entra na escola sem o conhecimento da língua, pois como já foi dito, a maioria são de famílias ouvintes que não sabem a língua de sinais. A necessidade da Libras será não só no âmbito de instrução, mas, ser ensinada. Ter o ensino da Libras nas séries iniciais do ensino fundamental fará com que o surdo possa adquirir uma língua e posteriormente receber informações escolares em língua de sinais.

O papel da língua de sinais na escola não se restringe ao desenvolvimento do surdo, é necessário que haja uma adequação curricular e profissional especializada para favorecer surdos e ouvintes. Segundo SKLIAR (2005): “Usufruir da língua de sinais é um direito do surdo e não uma concessão de alguns professores e escolas”.

A escola precisa ter alternativas para as necessidades linguísticas dos surdos, criando estratégias que permitam o desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua. Precisa ser uma decisão político-pedagógica adotada pela escola. Optando por essa educação, a escola assume uma política em que duas línguas passarão a ser vivenciada no mesmo espaço escolar. A formação do profissional do professor de libras deve priorizar a fluência na sua língua de sinais, ensinando-a para os alunos surdos a sua cultura surda através desta língua. Essa formação do professor de Libras é importante, pois os professores surdos ou ouvintes devem ser fluentes em libras e



assim ajudar na construção de sujeitos surdos com sua identidade e cultura surda facilitando sua interação social.

Em algumas escolas ainda falta qualidade na educação, principalmente nesta área, pois necessitam de professores de Libras como assistente do professor formado em geografia ou matemática ou outra disciplina. Esse acompanhamento facilita aos alunos a aprendizagem e desenvolvimento para seu conhecimento dos sinais de cada disciplina, como Miorando, 2006 descreve:

Querer construir uma outra escola deve, em primeiro lugar, começar com a motivação pela formação dos profissionais que atuariam nessa escola: os professores. Tais profissionais, no entanto, precisariam estar voltados para a constante evolução da educação de surdos. Nada melhor que começar pelos próprios surdos buscando uma formação docente de qualidade. (MIORANDO, 2006)

Miorando, ainda comenta que em seu envolvimento com a comunidade surda e os momentos passados com os professores e educadores surdos, ajudaram-na a perceber que nas horas de planejamento das aulas, havia além dos exercícios:

“... discussões conjuntas sobre o desenvolvimento de cada criança, sem perder de vista a funcionalidade de seus estudos. Eles visam, além da aquisição de vocabulário ou do domínio de regras de gramática, ir além, pois o sujeito de hoje precisa participar da vida e da construção de um mundo que ele também acredita ser possível.” (MIORANDO, 2006)

Desse modo, ratifica-se que a educação de surdos, para os sujeitos surdos enfatiza a aquisição da língua de sinais, por meio de professores de libras com formação e experiência, contribuindo para melhoria da qualidade de educação para pessoas surdas respeitando a diferença de sua língua e contribuindo para seu futuro profissional.



## 2 MÉTODO

A fim de constatar a relevância da Escola Bilíngue para Surdos, fizemos um estudo de caso em relação à Escola Inclusiva para constatar algumas falhas que não ocorreriam na Escola Bilíngue. A pesquisa em si, não tem um foco único sendo de caráter descritivo, exploratório, informativo. O campo escolhido foi uma escola pública da Região Metropolitana do Recife, referência em educação/sala inclusiva.

Realizamos entrevistas com alunos surdos inclusos, alunos ouvintes que estudam com alunos inclusos, professores do ensino fundamental, intérpretes de Libras e direção da escola. Acompanhamos as aulas, descrevendo por meio de relatos e observações as metodologias, a didática, o sistema de avaliação e inserção da cultura Surda dentro da sala de aula. Por fim, apresentamos as informações recolhidas e analisadas como subsídios para os professores e direção, com o objetivo de melhorar a formação do Surdo no ensino fundamental na escola inclusiva.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação do Surdo na Escola Inclusiva é algo que merecerá, ou melhor, merece bastante destaque e nas discussões sobre educação e políticas públicas, pois ainda a temática está sendo conhecida pela sociedade, aceita pelos órgãos governamentais e sendo totalmente regularizada no território nacional. É difícil falar de formação do Surdo quando os paradigmas da formação em disciplinas antigas estão com déficit educacional, e mais complicado ainda quando não se conhece a língua, a cultura, a comunidade, as especificidades, a metodologia, didática e outros recursos pedagógicos a serem aplicados para o bom desenvolvimento do sujeito surdo.

Em virtude destas e de outras problemáticas surgiu à necessidade de fazer um projeto que instigue no mínimo a curiosidade sobre o assunto e que desperte a todos que fazem parte do setor educacional para algo atual e importante que é a Educação





Especial, com foco na verdadeira inclusão, enfatizando a formação do Surdo na escola inclusiva: as tecnologias assistivas associadas, a acessibilidade humana e a atuação (metodologia e didática) do professor em sala de aula. E para isso, tratar a acessibilidade e formação do sujeito surdo não deve ser algo que esteja apenas nos papel, mas é preciso que se cumpra as devidas responsabilidades como diz Mantoan:

“Fazer valer o direito à educação para todos não se limita a cumprir o que está na lei e aplicá-la, sumariamente, às situações discriminadoras. O assunto merece um entendimento mais profundo da questão da justiça. A escola justa e desejável para todos não se sustenta unicamente no fato de os homens serem iguais e nascerem iguais.” (MANTOAN, 2006, p.16)

Tal reflexão nos remete ao fato de a escola inclusiva ter regras mediadas por lei, mas não significam que estão sendo cumpridas desde as tecnologias associadas (quando falamos de tecnologias associadas estamos fazendo menção aos instrumentos físicos e intelectuais), no que se refere à metodologia, didática, avaliação, quanto aos recursos tecnológicos palpáveis. Dentro da escola regular são bastante escassos os materiais/recursos utilizados pelos alunos e pelo professor, prejudicando a aprendizagem do alunado.

Além dos materiais, ainda há a falta de acessibilidade humana (o intérprete de Libras) que está instituído por Lei e muitas escolas não possuem, isto porque não oferecem uma quantidade suficiente de cursos de formação de intérpretes e não oferecem uma remuneração digna ao profissional, tornando muito mais difícil obter esses profissionais dentro da sala de aula. No caso das séries iniciais, há uma escassez ainda maior, pois os que estão dentro de sala são estagiários de pedagogia, alunos que lidam com educação especial no contexto geral e não especificamente são intérpretes. Na educação infantil inclusiva, deve-se estabelecer os limites do intérprete em relação ao professor, logo que o intérprete não tem a autoridade de decidir razões pedagógicas



da criança, ele é apenas um mediador entre línguas. Veja um dos artigos da Constituição Federal Brasileira:

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação (Constituição Federal Brasileira de 1988, Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005).

Além disso, há uma figura extremamente importante: o professor. É ele que “detém” o conhecimento a ser transmitido, que possui experiência e ao menos em tese, conhece ou sabe quais os melhores ou mais adequados recursos pedagógicos a serem utilizados no desenvolvimento e aprendizagem/formação desse sujeito. É ele que deve se preocupar com a relação ensino-aprendizagem dos alunos, orientá-los, instruí-los e, quando esse profissional está num ambiente que é acessível, o mesmo deve dominar a área em que está.

No mínimo, conhecer as especificidades e esforçar-se em criar recursos de aprendizado para o aluno Surdo. Porque o intérprete de Libras é um canal de tradução entre línguas e, não o docente do Surdo. A criança deve identificar e distinguir as funções de cada um: o intérprete media as línguas e o professor transmitirá o conhecimento. Veja o que diz Lacerda (2010, p.50):

“Elas [as crianças] reconhecem que cada uma delas é responsável por tarefas diversas, porém, nem sempre é clara a função/papel de cada uma. É importante destacar que se trata de crianças bastante jovens, muitas em sua primeira experiência escolar, tendo que construir os diversos papéis sociais presentes na escola.” (LACERDA, 2010, p. 50)

Nas primeiras experiências escolares realmente fica muito difícil distinguir quem é o professor da classe, porém a criança deve ser ensinada o papel de cada uma dentro

da escola inclusiva. Nem sempre acontece, mas é ideal socializar as ideias e as responsabilidades de cada profissão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que percebemos que o letramento da criança surda se desenvolve facilmente usando a Libras como L1, que é a língua natural para pessoas surdas. Infelizmente, a maioria das escolas inclusivas utiliza o método de ensino tradicional para língua portuguesa que é específico para pessoas ouvintes. Como já houve várias pesquisas, segundo Quadros, as pessoas surdas não se desenvolvem como pessoas ouvintes devido o método de português. Contudo, as pessoas surdas não tem dificuldade de aprender, mas precisam de oportunidade de aprendizado o próprio método para pessoas surdas. Antes do Congresso de Milão, havia muitos professores surdos que ensinavam língua de sinais como L1, mas depois foi proibido o uso de língua de sinais. Levou 100 anos para descobrir que não houve sucesso o método de ensino imposto depois do referido congresso. Agora, graças a Lei nº 13.005 de 25.6.2014 foi aprovada Escolas Bilíngues para Surdos no Plano Nacional de Educação que contará com professores fluentes em Libras que ensinará a Libras como L1 e a língua portuguesa como L2. Nós confiamos que o letramento atual para alunos surdos é mais eficiente, pois estes se desenvolvem mais rápido com métodos de língua de sinais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARMOZINE, Michelle M.; NORONHA, Samanta C. C.. **Surdez e Libras: conhecimento em suas mãos**. São Paulo: HUB editorial, 2012.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos**. São Paulo: artmed editorial, 2004.

LACERDA, Cristina B. F. de. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental.** Porto Alegre: Mediação, 2010, 2ª ed..

OLIVEIRA, Luzia de Fátima Medeiros de. **Formação Docente na Escola Inclusiva: diálogo como fio tecedor.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

LODI, Ana Claudia B., LARCERDA, Cristina B. F. de (org.). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização.** Porto Alegre: Mediação, 2010, 2ª ed..

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima [et al.] **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica.** Brasília: MEC, 2004.

REILY, Lucia. **Escola Inclusiva: linguagem e mediação [série educação especial].** São Paulo: Papirus, 2004.

SILVA, Shirley; VIZIM, Marli (org.). **Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados.** São Paulo: ALB; Mercado de Letras, 2003, 1ª reimpressão.

SELAU, Bento. **Inclusão na sala de aula.** Porto Alegre: Evangraf, 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2006.